

**Projeto: Quilombos do Vale do Jequitinhonha: Música e Memória**

**Instituição responsável: Nota Musical Comunicação**

**[www.quilombosdojequitinhonha.com.br](http://www.quilombosdojequitinhonha.com.br)**

**Entrevistada: Rosarina Coelho (Maria do Rosário Coelho Mota)**

**Comunidade Brejo, município de Berilo, Vale do Jequitinhonha, Minas Gerais**

**Junho, 2014**

Todos os direitos reservados. É permitida a reprodução parcial ou total, desde que citada a fonte, conforme segue, e que não seja para venda ou qualquer fim comercial:

FOGAÇA, Sérgio; SYDOW, Evanize. As histórias de dona Rosarina – Entrevista de Rosarina Coelho (Maria do Rosário Coelho Mota). *Quilombos do Vale do Jequitinhonha: Música e Memória*. São Paulo, Nota Musical Comunicação, 2017

## *As histórias de dona Rosarinha*

Um poço encantado de histórias, Maria do Rosário Coelho Mota, conhecida como Dona Rosarinha, hipnotiza quem a escuta com seu jeito doce de desfiar um fino novelo de causos sobre Minas Novas. Nascida em plena Festa do Rosário, neta de vó negra, estudada, desde muito pequena observa e relata acontecimentos da cidade. Representa muito bem o sincretismo de povos da cidade, já que tem parentesco direto com negros, índios e portugueses.

De sua visão humanística saem histórias que solidificam e perpetuam a cultura viva de Minas Novas. Possui em casa um acervo precioso de artesanato local que estão diretamente ligados aos costumes, modo de viver e festejos da região. Representações locais fiéis como as cenas das “viúvas de maridos vivos”, série que mostra a dura realidade dos maridos que precisam buscar emprego longe e deixam as mulheres logo em seguida do casamento, com filhos, casa e trabalho para cuidar.

Eu tenho esse nome (Maria do Rosário Coelho Mota) porque nasci na véspera de Nossa Senhora do Rosário, dia 21 de junho de 1939. Estou completando 75 anos, três quartos de séculos muito bem vividos. Sou neta de índios e negros. Tem muita gente negra na minha família, mas a negra que mais se destacou foi minha avó materna, Ritinha Gomes e o tio José Gomes, que era chamado de Mestre Juca.

Eles estudaram numa escola normal aqui de Minas Novas, que funcionava no Sobradão, ótima escola. Lá ensinava latim, inglês, português, francês, e os negros estavam virando políglotas. Mas foi fechada logo que eles se formaram, porque os brancos se revoltaram com aquilo, os senhores, falavam que eles não iam ter mais empregados porque os negros estavam estudando, estavam tendo essa oportunidade de estudar, e lugar de negro era na lavoura, era cuidando dos senhores em casa, das donzelas.

*Essa escola, quando fechou, a sua avó ainda estudava lá?*

Ela chegou a formar, só não sei bem a data. Ela e meu tio se formaram. Mas foi a última turma. Porque além deles, outros negros tentavam estudar lá. Uns eram barrados, outros conseguiam, então a escola fechou, não queriam que os negros estudassem. E além de tudo, eles eram professores. Eram discriminados até por alunos. Mas a escola fechou por conta disso.

Aqui em Minas Novas o racismo era impressionante, até nas igrejas. A igreja matriz era frequentada pelos ricos, pelos brancos, pelos senhores, donos dos escravos. A igreja do Amparo, um pouquinho para cima, era frequentada pelos pardos, que não eram nem negros e nem brancos. E a igreja do Rosário, que foi construída pelos negros, era frequentada por eles. E tinha um padre branco, um padre pardo, e um padre negro.

*Explica melhor essa história das igrejas em Minas Novas.*

Em Minas Novas tinha a igreja de São Francisco, que era frequentada só pelos brancos. A igreja de Nossa Senhora do Amparo, que era frequentada pelos pardos. E a igreja do Rosário, que foi construída e frequentada pelos negros. Eles trouxeram lá da África, de Moçambique, a devoção a Nossa Senhora do Rosário.

De noite, eles construíram uma capelinha de pau a pique. Quando eles terminaram de construir a igreja, na quinta-feira, e isso eles trouxeram lá da terra deles, fizeram a quinta-feira do angu, que era a lavação da igreja, a preparação da igreja para começar a festa. Por isso que chama Nossa Senhora dos Homens Pretos de Minas Novas. Aqui a festa tem esse nome. E os reis e as rainhas eram todos negros. Eles lavavam a igreja de noite, com os potes de barro. Construíam durante o ano, iam fazendo os potes durante a noite, depois que os senhores iam dormir, eles iam para o rio. O caminho foi até reconstituído agora. Desciam da igreja, iam lá na pedra do Rosário buscar água nos potes de barro para lavar a igreja.

E como eles ficavam a noite inteira trabalhando, eles comiam o angu. Chamava quinta-feira do angu, era com couve. Eles tinham plantação de milho que eles cuidavam durante o ano, para fazer o fubá e os canteiros de couve, que era a única coisa que eles comiam. Então, até hoje tem a quinta-feira do angu. Canta, vai lavando a igreja, o povo vai buscar água no rio, vai lavando, esfregando e cantando as músicas, enquanto eles

vão esfregando o chão. Eles lavam e cantam, “essa roda aqui é de preto / só branco que entrar cai no cipó” vão cantando.

*A senhora é escritora, quantos livros a senhora tem?*

Eu já lancei três livros. Um chama “Rabiscos”, o segundo “Prosa e Verso de Lá e de Cá”, que meu sangue indígena não me deixa ficar quieta num lugar, eu fico um tempo aqui e outro lá. Mas o livro já teve o título de “História de Lá e de Cá”, quando eu estava morando aqui. Depois eu mudei e lancei o livro novamente, então, lá virou “Cá”, e aqui virou “Lá”. E o terceiro é o “Idas e Vindas”.

*Qual o assunto do primeiro?*

O “Rabiscos” é porque tenho mania de escrever. Quando eu estudava, eu ganhava muito prêmio de redação, toda noite eu escrevia, e sempre no caderno, com caneta preta. O livro fica debaixo do travesseiro, eu acordo sonhando, sonhando não, pensando em alguma coisa, tiro ele sem ascender a luz, e vou escrevendo. No dia seguinte consigo colocar em ordem. Então, para mim isso era rabisco, mas agradou tanto o povo, que eu, então, fiz o segundo.

Meu filho, esse que faleceu, foi quem diagramou o livro, digitou, fez tudo direitinho, e também fez umas fotos bonitas minhas. Fizemos o lançamento do livro, “Idas e Vindas”, esse terceiro. Agora eu já tenho o quarto que vai chamar “Meus Seis Amores”, que são meus seis netos. Porque amor mesmo, eu só tive um, o pai dos meus filhos, meu marido. Mas aqui ninguém sabe quem são os seis amores, todo mundo fica pensando, “ela já namorou fulano, fulano”, não, são meus seis netos.

*E no “Idas e Vindas” a senhora tem várias personagens, quais são as personagens que a senhora tem lá?*

A que o povo se interessa muito é sobre Rita Pezinho, uma senhora que, naquele tempo que ninguém tinha aposentadoria, ela vivia de favores das pessoas, pedindo esmola. Mas tinha uma família, que mora perto da igreja do Rosário, que gostava muito dela. Ela chamava Rita Pezinho, e aqui em Minas Novas tem um ditado, que fala assim, “ilusão de Rita Pezinho”, para uma coisa que, às vezes, é impossível.

Porque foi o seguinte. Vocês vão assistir os festejos e verão que tem a fogueira de São João. Ela pulou a fogueira de mãos dadas com um moço, porque dizia que viravam compadres. Mas ela foi saltar a fogueira e pisou na brasa acesa e queimou todos os dedos. Mesmo assim, toda manhã ela olhava os pés para ver se os dedos estavam nascendo de novo. Então, era ilusão dela, porque os dedos não iam nascer novamente. Daí é que ficou esse negócio aqui em Minas Novas de quando a pessoa pensa alguma coisa impossível, se fala, “o, ilusão de Rita Pezinho”.

*Rita Pezinho era negra?*

Ela era negra. Tem também o João de Deus, que vocês já devem ter escutado muita história sobre ele.

*Conta um pouquinho?*

O João de Deus era um negro, que era chefe de outros negros na festa, onde a maioria das pessoas é negra. A guarda que carrega as bandeiras fazendo aquelas evoluções em frente do rei, são todos negros. João de Deus era o chefe, um homem alto, forte, ele ficou no lugar de Dom Serafim, quando Dom Serafim mudou daqui para Itamarandiba. Ele também parente de escravo, gritava o leilão, e gritava no dia da posse, que vocês vão ter oportunidade de ver.

É assim, quando a pessoa leva donativo, se leva um real, ele gritava, “Maria do Rosário, um real”, o tambor bate, “bufe”, aí quando uma pessoa dá cem reais, “um devoto, cem reais”. Ele ficava o dia inteiro gritando, vocês vão assistir dia 25. Então, quando a pessoa dá cem reais, o tambor bate bastante, conforme a quantia que a pessoa dava. E ele então fazia esse papel, até uns cinco ou seis anos atrás, agora quem faz isso é o neto dele, que também é negro.

E tinha outro personagem, que era a Geraldona, uma louca, negra, que morava atrás da igreja de São Francisco. Ela gritava tanto com fome, mas a gente tinha medo de ir lá. Ninguém sabe como ela morreu. Quando dava lua cheia, não sei se tinha alguma coisa, ela começava a gritar, então o povo todo afastava dela. Sofreu muito, não tinha parente.

*Como a senhora fez para levantar a história dessas pessoas?*

Através da minha avó. Minha mãe conta, que eu com três anos já contava histórias com princípio, meio e fim. Na minha biografia tem isso. E eu vivia perguntando as coisas para minha avó, aquela que era negra. Ela então me contava os casos todos e eu já escrevia, já anotava num caderno.

*A senhora tem uma biografia, quem escreveu?*

Meus filhos que escreveram.

*Mudando de assunto, a senhora comentou sobre a igreja de São Gonçalo?*

Falando mais um pouco das igrejas aqui de Minas Novas, tem a igreja de São Gonçalo, que foi construída ali em baixo, no lago de São Gonçalo. De lá é visto o morro da Contagem, onde se contava o ouro. Porque aqui tinha muito ouro, que era mandado para Portugal. Então, dessa igreja os portugueses fiscalizavam, de binóculo, um binóculo que usava naquela época, bem comprido. Os escravos contando o ouro no morro da Contagem. É a igreja mais antiga que tem aqui em Minas Novas.

*Agora, a senhora poderia contar um pouquinho dessa coleção de peças que a senhora tem na sua casa?*

Essa exposição que tenho aqui está completando 30 anos. São de vários artesãos, alguns já faleceram. A peça que mais o pessoal se interessa é da viúva de marido vivo. Porque no Vale do Jequitinhonha as famílias são criadas mais pelas mulheres. Por isso temos aqui, na primeira cena, o casal se conhecendo, namorando em um jardim. Depois, eles já estão abraçados, ficam noivos, e depois o casamento. Olha aqui a festa do casamento, os noivos montados no burro, sozinhos, e depois os padrinhos todos a cavalo.

As famílias, as mulheres estão até amamentando, montadas a cavalo, e daí a festa do casamento. Se for crente, vai casar na igreja de crente, se for católico, casa na igreja de católico. Tem o casamento, e o homem já está com a viagem marcada para ir a São Paulo colher laranja, café, cortar cana. Deixa a mulher grávida, e ele não vê a mulher grávida, ele vai e ela está começando a gravidez. Quando ele volta, em dezembro, o nenê já nasceu.

O neném já nasceu, e ela fica sozinha então, com trouxa de roupa na cabeça para lavar, carregando o neném, com balaio de verdura na cabeça, carregando o neném, com lenha, carregando o neném, capinando, carregando o neném. O marido volta de São Paulo, que estava lá cortando cana, colhendo laranja e café, ele vem, batiza, registra a criança que nasceu, e deixa a mulher grávida de novo. Se ele vier dez vezes, ela tem dez filhos.

Esta senhora com duas crianças, é para simbolizar que a mulher cuida da família quase que sozinha. Depois, o marido mal remunerado, mal alimentado em São Paulo, volta aposentado sem receber nada. Olha ele aqui, de camisa azul, se alimentando sentado, nem consegue ficar em pé, escorado, tudo por causa da doença que ele adquiriu fora, porque foi muito mal alimentado, trabalhou muito de sol a sol. Depois, olha ele lá de chapéu, mais doente, a mulher acompanhando.

E, para terminar, ele ainda mais no fim da vida. Porque aqui no Vale do Jequitinhonha, a mulher vive mais que o homem, o homem vive mais fora da família. Costuma morrer primeiro que ela, e ela segue o caminho dela mais alguns anos, ou talvez meses. Agora essa mesma história se repete com os filhos, netos, e depois a outra geração começa do mesmo jeito que começou essa aqui.

*Aqui ainda tem outras representações da vida da região, certo?*

Essa parte da exposição explica como era a vida aqui da região nossa, antes da Copasa, antes da água encanada. Os escravos buscavam água no rio e enchiam todas as talhas da casa. Era água para lavar roupa, aliás, não, lavava roupa no rio, mas era água para tomar banho, para lavar vasilha, para engomar. Em todas as casas tinha uma caneca igual a essa aqui, que era para tirar a água para beber, colocar na canequinha, para não beber direto, se não diziam que a água ficava baba. Então, essa caneca os próprios escravos faziam.

Já aqui, era antes da Cemig, as pessoas mais abastadas tinham os lampiões, como esses aqui, mas era lampião feito com lata. E tinha o candeeiro. Esse feijão aqui era para mostrar como que os escravos, depois que eles cultivavam o feijão, colhiam o feijão, secavam, mas como eles conservavam. Tem um barro nesta região aqui chamado tabatinga, eles socavam a tabatinga no pilão e colocavam a tabatinga no feijão, para conservar, para não dar caruncho. E aqui, era o arroz com pequi, que era a comida

preferida dos escravos, como aqui, o feijão preto e o arroz com pequi, que era a comida mais forte que os escravos gostavam, e que nós herdamos aqui em Minas Novas. Nosso prato preferido é o arroz com pequi.